



A PRODUÇÃO SOCIAL DO ESPAÇO URBANO

De Mark Gottdiener. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2010.

RESENHA | ANA PAULA MEDEIROS

Ao resenhar a atual edição da obra “*A Produção Social do Espaço Urbano*”, tem-se por objetivo proceder a uma análise do livro de Mark Gottdiener, situando-o em seu contexto epistemológico, mas também revelar a pertinência de sua releitura, quase 30 anos após seu lançamento.

Publicado originalmente nos Estados Unidos em 1985, pela *University of Texas Press*, o livro foi traduzido para o português e publicado pela Edusp em 1993, em primeira edição. Em 1997 veio a público a segunda edição, que mereceu uma reimpressão em 2010. A obra é um marco teórico fundamental na carreira de Mark Gottdiener e na discussão sobre a produção do espaço de forma geral.

Mark Gottdiener (1943-) é um eminente sociólogo americano, professor do *College of Arts and Sciences* da Universidade de Buffalo, nos Estados Unidos. Do ponto de vista ideológico, filia-se à corrente de pensamento marxista, na linha de Henri Lefebvre. Para ele, a cidade é entendida como uma forma qualitativamente nova de espaço — produto de transformações da organização social.

Neste livro, o autor apresenta uma contundente crítica das abordagens de fenômenos urbanos por ele consideradas convencionais, como as da ecologia urbana, sociologia, geografia e economia urbanas, na esteira de autores como MacKenzie, Park e Burgess, além de outros, seus contemporâneos. O argumento central é que essas teorias seriam insuficientes para explicar a organização espacial contemporânea. Entre outras limitações, elas se restringiriam ao estudo da morfologia, sem contemplarem a organização social que pode produzir, manter e reproduzir os padrões de usos da terra.

Seu aporte fundamental vem no sentido de superar as explicações que privilegiam os fenômenos econômicos, incorporando a dimensão das transformações sociais e culturais em sua relação dialética com o espaço, em uma perspectiva de vida cotidiana e escala local.

Após a reemergência da ecologia urbana no pós-guerra, especialmente a partir da “*Ecologia Humana*”, de Hawley (1982), e o sucesso das críticas marxistas a partir das revoluções de fins da década de 1960, tendo por expoentes Lukács e Gramsci, os Estados Unidos viviam um momento propício para o surgimento de abordagens alternativas.

O tema da expansão urbana norte-americana por meio do fenômeno da suburbanização e suas consequências era bastante central nas discussões urbanas naquele momento, envolvendo pensadores de diversos matizes ideológicos. O próprio Gottdiener (1977) já havia explorado o assunto em seu livro de estreia “*Planned Sprawl: Public and Private Interests in Suburbia*” (SAGE Publications, não traduzido para o português), bem como numa série de artigos para revistas e periódicos.

Na Introdução do livro “*A Produção Social do Espaço Urbano*”, Gottdiener analisa o início da expansão do tecido urbano norte-americano, localizando-o nos idos de 1950, a partir do fenômeno das *Levittowns* e, 20 anos mais tarde, das *New Towns*. O crescimento metropolitano, em sua forma polinucleada e expansível, característica da sociedade americana do início da década de 1980, era seu principal objeto de estudo e, para tal, ele pretendia investigar as teorias existentes, articulando-as com sua própria pesquisa empírica.

Gottdiener (2010, p.14), então, debruça-se sobre o fenômeno do crescimento socioespacial. A forma compacta que a cidade desenvolvera historicamente tinha dado lugar a regiões em permanente expansão “Amorfas na forma, maciças no escopo e hierárquicas em sua escala de organização social”. Ele usa o termo *desconcentração* para designar esse crescimento amorfo.

Ao escrever o livro aqui analisado, na primeira metade dos anos 1980, o autor identifica sete tendências de análise dos eventos e padrões urbanos contemporâneos, a saber: a ecologia urbana, a geografia, a economia urbana, o estruturalismo marxista, a economia política urbana, o neweberianismo e a perspectiva da produção do espaço.

Segundo ele, as três primeiras são bastante típicas e representam a maioria das abordagens dos analistas norte-americanos. As quatro últimas surgiram como alternativa para tentar entender o desenvolvimento urbano contemporâneo fora do estrangulamento ideológico anterior.

Para as três primeiras abordagens, Gottdiener reserva uma crítica ácida, acusando-as de continuarem fortemente paralisadas por um determinismo tecnológico obstinado, por meio do qual a desconcentração urbana é explicada amplamente em termos de inovações nos modos de transporte e de comunicação. Em contraponto, o autor defende que a desconcentração é, ao mesmo tempo, uma *forma* — isto é, um produto —, e um *processo* — ou seja, um produtor —, que previne as mudanças de efeito no capitalismo tardio. Em suma, *padrões espaciais e processos sociais* estão mais relacionados dialeticamente que ligados por meio de ciclos de causa e efeito.

Uma vez desconstruídos os argumentos dessas linhas teóricas, Gottdiener volta-se para as análises de base marxista, nas quais se detém mais longamente. Outros pensadores marxistas que estão produzindo na mesma época, e com quem Gottdiener dialoga, são Henri Lefebvre, David Harvey e Manuel Castells (Harvey, 1980; Lefebvre, 1980; Castells, 1983; Lefebvre 2000, 2007, 2008).

Gottdiener (2010, p.26) situa Harvey¹ no rol dos economistas políticos urbanos, cujo pensamento, essencialmente funcionalista, ainda está preso a uma excessiva ênfase sobre fatores econômicos. Para ele, são autores que “Encaram a mecanização do crescimento urbano como uma conspiração capitalista perpetrada por um seletivo grupo de indivíduos contra a massa dos habitantes, que são chamados a classe trabalhadora”.

A seguir, dedica-se à comparação das teorias do espaço e das relações entre Estado e produção do espaço urbano presentes 1) no estruturalismo de Manuel Castells², 2) na abordagem neweberiana que se desenvolveu na Inglaterra em resposta às limitações do estruturalismo marxista, mas que compartilha a crítica ideológica de Castells à ecologia e, finalmente, 3) na obra de Henri Lefebvre sobre a produção de espaço, que diverge do marxismo dos estruturalistas. Gottdiener revela franca inclinação a identificar-se com este último. Para ele, os conceitos e teorias de Castells se afastam de uma teoria do espaço, sendo mais propriamente uma “teoria dos problemas urbanos” ou uma “teoria das relações entre o Estado e o espaço de assentamento”. Já Lefebvre, ao apresentar a sua acepção sobre a produção do espaço, resgata o princípio fundamental da teoria de Marx, que enfatizava o homem como sujeito da sua história.

No final, Gottdiener emerge com sua própria contribuição, fruto da reflexão sobre o material conceitual existente, somada à sua experiência e observação empíricas, que resultam na proposta de uma nova forma de analisar a construção do espaço urbano, que incorpore a dimensão social. Uma de suas contribuições mais importantes, provavelmente, é a de uma apropriação e releitura da concepção lefebvriana de espaço, na qual:

[...] o espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou às relações sociais da posse da propriedade — ele representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais. O espaço é uma localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. *O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade de engajar-se na ação* (Gottdiener, 2010, p.127, grifo meu).

Explicitando outra novidade trazida pelo corpo teórico lefebvriano na análise da produção do espaço urbano, o parâmetro de sua fundamentação teórica é a vida cotidiana na sociedade moderna. Nesta acepção, o autor relata que o espaço contém e está contido nas relações sociais, logo, o real é historicamente construído tendo como representação mental o urbano, e a cidade como expressão material desta representação.

Em comum com Lefebvre, Mark Gottdiener tem a busca por desvendar as interpretações falaciosas que mistificam a estrutura social, pressupondo uma falsa irreversibilidade da realidade. Trata-se de um obscurantismo teórico que cria abordagens que eliminam as contradições das relações socioespaciais, bem como a possibilidade de sua superação.

Entende-se que a maior contribuição de Gottdiener é aprofundar a posição de Lefebvre no sentido de redirecionar o pensamento socioespacial, de uma análise da economia para a transformação das relações sociais. Vivemos, no Brasil, um momento de especial identificação do Estado com os interesses de agentes imobiliários na produção de espaços urbanos voltados fundamentalmente para a atração de investimentos empresariais e para o turismo, dentro de uma lógica de globalização das cidades. Nesse sentido, a (re)leitura da obra de Mark Gottdiener se torna oportuna por diversos motivos.

Em primeiro lugar, porque o autor revela e analisa, de forma muito clara, o papel do Estado na construção e manutenção do crescimento da cidade, contribuindo para a compreensão de diversos processos em curso, como, por exemplo, as operações de reurbanização realizadas nas áreas centrais e pericentrais das grandes metrópoles brasileiras.

Em segundo lugar porque, ao explicitar a insuficiência e inadequação de determinados conceitos para entender as atuais mudanças espaciais, o autor nos força a tentar entender as transformações que ocorrem em nossos territórios à luz do processo dialético que imbrica espaço e relações sociais, superando as análises que os consideram fundamentalmente em uma relação de causa e efeito.

Por fim, mas não menos importante, a vida cotidiana na sociedade moderna ocupa posição de protagonismo em sua fundamentação teórica. Gottdiener traz novas preocupações ao centro da investigação urbana, de maneira a desfazer a estreita fixação no desenvolvimento econômico, comum ao pensamento marxista. Entre elas, estão os fenômenos culturais, em uma perspectiva de vida cotidiana e escala local, ainda que abrangente. Esta é uma dimensão frequentemente negligenciada pelos grandes projetos urbanos, porém cada vez mais essencial e indispensável para se entender as rápidas e intensas transformações socioespaciais de nossas cidades.

NOTAS

1. O principal livro de Harvey, até então, havia sido "*A Justiça Social e a Cidade*" (Harvey, 1980), original de 1975. Alguns artigos escritos entre as décadas de 1970 e 1980, mais tarde reunidos no livro "*A produção capitalista do espaço*" (Harvey, 2005) (originalmente "*Spaces of Capital: Towards a Critical Geography*", de 2001), também abordam o tema.

2. Como discípulo de Althusser, Castells é visto por Gottdiener como um marxista estruturalista. No livro "*A Questão Urbana*" (Castells, 1983) (publicado no original em 1972 e no Brasil em 1977), Castells dá início a um debate sobre a teoria do espaço com enfoque muito semelhante ao de Lefebvre, considerando o espaço como produto material de uma dada formação social. Para ele, não existe uma teoria específica do espaço, mas simplesmente um desdobramento e especificação da teoria da estrutura social.

REFERÊNCIAS

- CASTELLS, M. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- GOTTDIENER, M. *Planned sprawl: public and private interests in suburbia*. Beverly Hills, CA: SAGE Publications, 1977.
- GOTTDIENER, M. *A produção social do espaço urbano*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2010.
- HARVEY, D. *A justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- HARVEY, D. *A produção capitalista do espaço*. São Paulo: Annablume, 2005.
- HAWLEY, A.H. *Ecología humana*. New York: Tecnos, 1982.
- LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1980.
- LEFEBVRE, H. *La production de l'espace*. 4.ed. Paris: Éditions Anthropos, 2000.
- LEFEBVRE, H. *A revolução urbana*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. Rio de Janeiro: Centauro, 2008.

ANA PAULA MEDEIROS Doutoranda | Universidade Federal do Rio de Janeiro | Faculdade de Arquitetura e Urbanismo | Programa de Pós-Graduação em Urbanismo | Av. Reitor Pedro Calmon, 550, Prédio da Reitoria, 5º andar, sala 521, Cidade Universitária, 21941-901, Ilha do Fundão, RJ, Brasil | E-mail: <anapaulagm@gmail.com>.

Recebido em
4/7/2012 e aceito
para publicação
em 25/4/2013.